



UJCR

NA DEFESA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA:

INTENSIFICAR A LUTA CONTRA O FASCISMO!



UEDP

Após a grande concentração nacional realizada em S.Bento e todas as movimentações estudantis realizadas nas três Academias que apontavam claramente ao MEIC que as escolas não querem a sua política, estomou as primeiras medidas repressivas: a intervenção policial e o encerramento da Faculdade de Economia do Porto. Deste modo ficámos a conhecer as tais "medidas pacíficas e eficazes" prometidas por Cardia num dos seus recentes discursos reaccionários e pudémos constatar que essa "paz" era obra da polícia de choque! O facto do MEIC ter passado da provocação aos estudantes e às escolas para a repressão directa obriga da parte dos estudantes uma resposta imediata e à altura, assente numa compreensão clara do significado da actual política educativa do governo e da necessidade de impedir que nas escolas sejam impostas as medidas que pretendem asfixiar as conquistas democráticas do 25 de Abril.

1. PERANTE A INTERVENÇÃO DA POLÍCIA NAS ESCOLAS, NÃO CRUZAREMOS OS BRAÇOS!

Que significado tem esta medida do ministério que pela primeira vez após o 25 de Abril, manda entrar a polícia na Universidade?

Em primeiro lugar, que no momento em que nas escolas se pretende passar das tomadas de posição à defesa e aplicação prática dessas decisões o MEIC não hesitará em lançar mão de todos os métodos repressivos, voltando à brutalidade do regime fascista.

Em segundo lugar, que a política do governo é uma política vergonhosa de chantagem e divisão. Conhecedor de que entre nós há forças que o irão ajudar a fazer recuar a luta, com a demagogia do fecho das escolas e a sua paralisação, utiliza-as habilmente, de maneira a que os despachos e decretos comecem a ser aplicados aos poucos e em algumas escolas.

Em terceiro lugar, que os "argumentos" do MEIC são as mais baixas mentiras e provocações aos estudantes, professores e trabalhadores, afirmadas com a arrogância que lhes é permitida pelo monopólio da informação e pela utilização da força policial.

Mas fundamentalmente tem um quarto significado. A entrada da polícia nas escolas é mais um aspecto da política do governo de ceder à direita e ao fascismo e de repressão para com todas as lutas do povo português.

Não conseguindo impôr a sua política para a "educação", consubstanciada na reintegração dos saneados em dar o poder aos catodétricos, afastar da universidade os filhos dos trabalhadores, acabar com a gestão democrática, fazer enfim, um ensino destinado a servir os interesses dos fascistas e capitalistas, Cardia vê como última hipótese a utilização da força. Por isso ele manda fechar a Faculdade de Economia do Porto, por isso ele e o Ministro Costa Brás dizem que após as eleições para as autarquias locais tudo o que sejam manifestações ou reivindicações face ao governo irão acabar. Porém nada dizem das redes de bombistas que andam impunemente à solta, enquanto o estudante anti-fascista Rui Gomes continua preso e o General Otelio Saraiva de Carvalho sobre vigilância militar, nada dizem das actividades que aqueles terroristas fazem, da insegurança que criam nos ambientes rejuízos que fazem. Nada dizem dos bandos nazis da JC e do ELP que proliferam nos liceus, espancam estudantes, destroem material escolar, espalham o terror. Tudo isto é ignorado, enquanto as justas reivindicações dos professores, trabalhadores e estudantes são reprimidas.

Na verdade, ao resolver os problemas pela força da repressão, o MEIC dá provas da sua fraqueza, da falta de soluções para os problemas que existem e de que as alternativas que apresenta são anti-populares e anti-estudantis.

Tal como no Alentejo em que os trabalhadores não estão dispostos a ceder aos latifundiários, à CAP e ao Governo, mantendo-se firmes na defesa daquilo que conquistaram pela luta - a terra e o pão - também nós nas escolas nos devemos manter firmes contra as provocações do ministério e as suas cedências aos fascistas, tomando a ofensiva na luta pelas nossas conquistas. Estamos assim a dar o braço ao povo trabalhador, a engrossar o movimento popular na luta contra o fascismo, pois que os inimigos são os mesmos e os objectivos com que nos atacam são os mesmos: destruir todas as conquistas populares, a democracia, a liberdade, a Reforma Agrária, o controle operário, as nacionalizações, etc., destruindo tudo o que foi alcançado pelo 25 de Abril.

A UJCR e a UEDP apontam a todos os estudantes para que cerrem fileiras, persistam na luta, não permitam que esta provocação passe impune, e que da luta pela Gestão democrática façam a luta contra o fascismo, pela conquista de uma escola ao serviço do Povo, pela conquista de um Governo do 25 de Abril do Povo.

2. FORA COM OS FASCISTAS E OS QUE LHE FAZEM O JOGO!

O fascismo é o inimigo principal do Povo português. É-o nas fábricas, nos campos e nas empresas onde representa os interesses dos grandes capitalistas e latifundiários que aspiram a um regime fortemente repressivo que lhes permita intensificar a exploração e a opressão e recuperar todos os privilégios perdidos. É-o também nas escolas, cujos meios os fascistas pretendem utilizar para influenciar política e ideologicamente a juventude e formar os quadros que os sirvam na exploração desenfreada dos trabalhadores.

Em relação ao problema da Gestão é bem clara a sua tática. A demonstrá-lo o facto do CDS ter prescindido de todas as suas "alterações" ao decreto em favor da unidade com o MEIC para a repressão dos estudantes e das escolas: quando a luta avançou afirmando de forma inequívoca o seu carácter progressista e anti-fascista, os fascistas passaram da crítica para o apoio à política do MEIC e exigem deste último medidas ainda mais "eficazes"...

Os fascistas que estão infiltrados nas escolas, desenvolvem actualmente uma intensa actividade de organização que está patente na forma orquestrada como actuam nas RGAs e AGes e na divulgação intensa de propaganda reaccionária e nazi. A sua acção actual, na qual procuram o apoio de muitos estudantes, surge estreitamente relacionada com a imposição da legislação do MEIC e destina-se a lançarem as suas raízes nas escolas superiores para aí continuarem a acção terrorista, reaccionária e degenerada que vêm tendo no ensino secundário, com os resultados que são conhecidos. Agitam constantemente a ameaça de encerramento e paralisação das escolas, pretendendo aproveitar o natural e justo desejo dos estudantes de que as escolas funcionem normalmente para obrigarem à aplicação do decreto e à capitulação perante a repressão.

Os fascistas, porém, são os maiores perturbadores da vida das escolas e do país. É da sua inteira responsabilidade, bem como da complacência cúmplice das autoridades governamentais, a insegurança que se vive; é da inteira responsabilidade dos capitalistas, cujos interesses o fascismo serve, a crise que atinge a economia; é ainda de sua inteira responsabilidade a crise que atinge o ensino, degradado de

que atinge a economia; é ainda de sua inteira responsabilidade a crise que atinge o ensino, degradado 48 anos de fascismo, de atraso científico, social, ideológico e político. Um decreto que é o voltar aos velhos tempos do poder dos catedráticos reaccionários e da repressão sobre os estudantes só pode levar aos mesmos velhos tempos de caos nas escolas, de atraso e de estagnação.

Perante esta avançada fascista, a nossa resposta tem que ser firme e enérgica.

A UJCR e a UEDP alertam todos os estudantes para a infiltração fascista no ensino superior, através da acção da JSD, JC e outros grupos nazis, afirmando que o único meio de lhe pôr termo é o combate decidido e sem complacências à sua ideologia e à sua acção prática e o escorraçar dos fascistas do movimento estudantil e das escolas. Para o Povo ser livre há que reprimir os fascistas!

3. A UE"C" - PRECIOSO AUXILIAR DA DIREITA

A acção dos cunhalistas da UE"C"/P"C"P ao longo destas últimas semanas é bem característica: no início, apoiaram com reticências as posições aprovadas; em seguida, na fase de maior movimentação foram atrás dos estudantes, procurando contudo desviar o sentido da luta; por último, quando se iniciou a escaçada repressiva do MEIC, usaram de todas as suas forças e propaganda para dividir os estudantes, desmobilizá-los e abrir as portas das escolas à aplicação do decreto. Em momento algum eles estiveram realmente interessados em que as exigências das escolas fossem satisfeitas: quando foram para a Assembleia da República o seu intuito era "melhorar" o decreto (só votando contra porque a argumentação do CDS e de Cardia lhes não deram hipóteses de se absterem), decreto em que aliás tinha demasiados pontos coincidentes com o que eles próprios tinham elaborado num dos governos provisórios para que se pudesse acreditar seriamente numa oposição entre o P"C"P e Cardia.

Quando o movimento de protesto contra o decreto foi lançado, os cunhalistas das Comissões Directivas das Faculdades de Coimbra, fizeram logo notar que pretendiam limitá-lo a uma tomada de posição meramente formal e portanto inútil, pois que estando ele aprovado pelo governo eles se submetiriam. Sabendo que não era essa a vontade da população das escolas, forçaram a demissão das Comissões Directivas de todo o país, no objectivo de dividir as escolas e facilitar a acção do MEIC. Mais tarde, o P"C"P teria o descaramento de criticar a posição de demissão das C.D.s, como se não tivesse sido ele o único responsável.

Esta posição de submissão às ordens reaccionárias do Governo, levada ao extremo na actuação do membro do C.C. cunhalista Óscar Lopes da Faculdade de Letras do Porto que tomou ele próprio a iniciativa convocar o Conselho Científico, é uma constante na prática da UE"C"/P"C"P, na mira de trocar a sua influência no movimento de massas por alguns lugares no aparelho de Estado e pela esfarrapada "maioria de esquerda" na Assembleia da República.

Após o Plenário e o dia de greve nas 3 Academias para os quais os cunhalistas nada fizeram, quando a luta exigia que se entrasse firmemente na oposição à aplicação do decreto, a UE"C" assume mais intensamente o seu papel sabotador e o "Avante" aconselha o MEIC a reprimir os estudantes de forma menos descaçada, enquanto aconselha os estudantes a deixar passar em claro as provocações de Cardia. Nas escolas, a UE"C" começa a lançar uma histórica campanha contra uma hipotética "greve geral", campanha essa cujo objectivo era mobilizar todos os reaccionários e os estudantes menos esclarecidos para garantir a aplicação do decreto.

Os acontecimentos ocorridos na Faculdade de Economia do Porto e em Coimbra, no decorrer de um comício do PS, tornaram ainda mais clara a acção dos cunhalistas. Usando os mesmos argumentos que o MEIC, justificando afinal o (injustificável) encerramento policial dessa escola, a UE"C" afirma que os culpados são os "esquerdistas" da UEDP (claro!), e não o MEIC. Escondem que o MEIC não precisa de pretextos: ele forjou esse pretexto para fazer intervir a polícia no sentido de forçar a aplicação do decreto e seria forçado outro qualquer em qualquer outra escola se isso fosse necessário. E, para que não restem dúvidas é preciso que se diga que o boicote ao funcionamento da Comissão Directiva Provisória da Faculdade de Economia do Porto foi o resultado de uma decisão democrática de uma A.G.E. e não da vontade "irresponsável" de algumas dezenas de estudantes...

Os ataques históricos lançados pela UE"C"/UJ"C"/P"C"P às nossas duas organizações são o resultado do facto de assumirmos a defesa intransigente do desenvolvimento da luta dos estudantes de forma revolucionária, não alinhando nas manobras do gabinete dos cunhalistas.

A UJCR e a UEDP afirmam mais uma vez, em nome do carácter traidor e reaccionário da UE"C"/UJ"C"/P"C"P, com o qual não se pode contar em nenhum momento, sob pena de lhes permitirmos a sabotagem do Movimento Estudantil, a sua divisão e a abertura do caminho à acção dos reaccionários e fascistas.

4. PROSSEGUIR NA LUTA CONTRA O AVANÇO DO FASCISMO NAS ESCOLAS E CONTRA A POLÍTICA REACCIÓNÁRIA DO GOVERNO! É CONTRA

Só há uma forma de impedir que as escolas voltem ao regime do 24 de Abril: é impedindo no prática o avanço dos fascistas e a aplicação da legislação repressiva do Governo. O que está em causa nas escolas não é somente o modo de funcionamento e designação das Comissões Directivas ou dos Conselhos Científicos, está-o a própria vida democrática e o carácter progressista das relações de estudo.

No início do ano foi o caso de Bioestatística na Faculdade de Medicina do Porto, em que os estudantes foram obrigados a fazer exames no Governo Civil sob vigilância da policia, agora assistimos ao encerramento policial da Faculdade de Economia do Porto e à brutal carga policial sobre os estudantes de Coimbra. O recurso generalizado à violência reaccionária da policia, afirma-se assim com uma das características da acção do MEIC, no objectivo de tornar "natural" a intervenção na universidade e abafar todas as resistências à sua política. É por isso que não podemos deixar passar em claro qualquer acção repressiva do governo. Há que responder firmemente a cada uma delas erguendo a nossa luta e impedindo o MEIC de atingir os seus objectivos.

O decreto sobre a gestão (quer o do ensino superior quer, por maioria de razão, o do ensino secundário) é um decreto reaccionário e anti-estudantil. Não pode ser aplicado de forma progressista, como pretendem os cunhalistas. O seu destino é não ser aceite pelas escolas e é não conseguir aí impor o regime autoritário e anti-democrático que nele está consignado. Os estudantes, professores e funcionários devem reforçar a democracia nas suas escolas, impedindo a aplicação do decreto impondo na prática a gestão democrática dos estabelecimentos de ensino.

A todos os inimigos da gestão democrática, a todos os defensores encapotados do decreto do Cardia, há que mostrar que não serão capazes de nos impedir de prosseguir na luta até à satisfação de todas as reivindicações apresentadas: manutenção da gestão democrática, não reintegração de qualquer saneado, fim aos numerus clausus, revogação do decreto de "degradação pedagógica e reestruturação", por uma política social ao serviço dos estudantes, etc.,... Tal como noutros momentos saberemos unir-nos e lutar intransigentemente contra as medidas reaccionárias e anti-estudantis do Governo.

Particularmente neste período de férias que se aproxima há que manter a máxima unidade e vigilância, pois são de esperar novas medidas do MEIC que irá aproveitar a nossa saída das escolas para impôr a sua política.

Camaradas: lá fora, nas fábricas, nos campos, nas empresas, a luta popular contra o fascismo e a política reaccionária do Governo, contra todos os Cardias do Governo de Soares (quer eles se chamem Cardia, Barreto ou Brás) afirma-se com força cada vez maior dando-nos ânimo a que prossigamos na nossa luta, que é a mesma do Povo português.

CONTRA A POLITICA REACCIÓNÁRIA DE SOARES E CARDIA!

CONTRA O AVANÇO DO FASCISMO NAS ESCOLAS!

A LUTA CONTINUA!

Lisboa, 15 de Dezembro de 1976
Secretariado do Conselho Nacional da UJCR (União da Juventude Comunista Revolucionária)
O Secretariado da Direcção Nacional da UEDP (União dos Estudantes pela Democracia Popular)

